

# Nada será como antes: notícias das juventudes sul-americanas

Os(as) jovens da América do Sul vivem em um mundo globalizado e excludente. A preocupação com essa juventude evoca o futuro de toda a sociedade, seus rumos e suas alternativas de desenvolvimento. Assim, a indagação sobre a participação de jovens da região remete à indagação a respeito do futuro da democracia. Eles e elas definirão padrões de reprodução e/ou de mudança da sociedade e de suas instituições. É preciso examinar esse assunto com cuidado, disposição e abertura para reflexão. Com esse propósito, este artigo alinhava os termos gerais do debate atual sobre participação, direitos e políticas públicas de juventude e, secundariamente, traz notícias sobre o itinerário de pesquisa sul-americana ainda em curso.<sup>1</sup>

---

Regina Novaes \*

---

Já é lugar-comum questionar a universalidade da categoria juventude. A seqüência infância-juventude-maturidade foi ganhando conteúdos, contornos sociais e jurídicos ao longo da história, no bojo de disputas sociais, econômicas e políticas. São arbitrariedades culturais e regras socialmente construídas que determinam em que momento e por meio de quais rituais de passagem se muda de uma fase da vida para outra. Variam as idades cronológicas e as expectativas que as sociedades constroem para seus(suas) jovens.

Em cada tempo e lugar são muitas as juventudes e entre elas sempre existem adesões ao estabelecido e territórios de resistências e de criatividade. Na sociedade moderna, a juventude se apresenta como a fase da vida mais marcada por ambivalências provocadas pela convivência contraditória entre a subordinação à família e à sociedade e as expectativas de emancipação, sempre em choque e negociação. Assim sendo, ainda que não haja consenso em torno dos exatos limites de idade que devem vigorar para definir quem é jovem,<sup>2</sup> a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projetos de futuro. É vista como tempo de “moratória social”, “etapa de transição”, na qual os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social: responsabilidade com família própria, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania.

Na América do Sul, a condição juvenil é vivida de forma desigual e diversa em função da origem social e da renda familiar. No entanto, também as

disparidades econômicas entre países, entre regiões de um mesmo país, entre campo e cidade definem os acessos e as carências na vida dos(as) jovens.

Os(as) jovens que vivem nas áreas rurais – marcadamente indígenas – vivenciam as piores situações de pobreza, de escasso reconhecimento cultural e restrito acesso às instâncias decisórias. Por outro lado, sobretudo nas grandes cidades, para o(a) jovem sul-americano(a) de hoje, pesa também o fator “endereço”. Isto é, o acesso à educação, ao trabalho e ao lazer sofre específicas restrições se ele ou ela mora em áreas urbanas classificadas como “violentas”,<sup>3</sup> em geral, marcadas pela presença e tirania do narcotráfico e pela corrupção e truculência policial.

A “violência” – com todas as imprecisões e inúmeros significados que estão contidas nesse substantivo – é um tema muito presente no imaginário desta geração. No senso comum e na mídia, o tema está bastante associado aos(as) jovens: sempre há estatísticas para comprovar que “são eles os que mais matam e os que mais morrem”. De certa forma, ser jovem é ser suspeito. Os(as) jovens têm sido, por toda a América do Sul, alvos de humilhação, extorsão e violência policial. Nesses países, registram-se participação de jovens em “lutas pela paz” que englobam questões locais, protestos contra a injustiça, por mortes violentas de jovens, pela situação precária e violência nas prisões onde predominam jovens.

Em resumo, profundas mudanças no mercado de trabalho e os fenômenos relacionados com a violência atingem de maneira particular os(as) jovens. Sem dúvida, os(as) jovens mais pobres são os(as) mais atingidos pelo processo de desestruturação/flexibilização/precarização das relações de trabalho e, também, os(as) que mais freqüentam as estatísticas de mortes violentas.

Mas isso não é tudo. Há recortes que podem aproximar jovens socialmente separados ou separar jovens socialmente próximos. A vivência da condição juvenil é, ainda, diferenciada em função

de desigualdades de gênero<sup>4</sup> e de preconceitos e discriminações que atingem diversas etnias, indígenas e afro-descendentes. Tais recortes que produzem desigualdades e diferenças podem ter as fronteiras reforçadas ou flexibilizadas a partir de outras variáveis que funcionam como demarcadores de identidades. Em outras palavras, os(as) jovens de hoje também se diversificam em termos de orientação sexual, gosto musical, pertencimentos associativos, religiosos, políticos, galeras, turmas, grupos, torcidas organizadas, entre outros. Assim, diferentes segmentos juvenis formam um complexo caleidoscópio, cujas múltiplas figuras são sempre compostas por desigualdades e diferenças.

## O que aproxima os(as) jovens?

Vejam o que dizem alguns autores. Helena Abramo (1998) enfatiza que a coexistência de dimensões de *integração* pelo consumo simbólico (no sentido de conexão e intimidade com as fontes massivas de informação e comunicação) e de *desintegração* (no sentido da falta de acesso ao progresso material) se traduz para o(a) jovem latino-americano(a) de hoje tanto nas dificuldades de acesso ao trabalho produtivo, ao poder de decisão política, aos benefícios econômicos do desenvolvimento, como na contingência de conviver com altos graus de violência, discriminações sociais de vários tipos e com a perda de horizontes de longo prazo. Enrique Ballesteros (1997) aponta para a contradição entre a pobreza e o impacto cultural da opulência propagandizada pelo mercado, que pode gerar tamanho mal-estar e frustração, que, por sua vez, pode levar a um desapego existencial da legalidade e das regras da democracia e, em consequência, à violência social e política. E, finalmente, Nestor Garcia Canclini (1995) afirma que o(a) jovem de hoje vive em uma comunidade desterritorializada e transnacional de consumidores(as) na qual se socializam as novas gerações (em torno do rock, do hip hop, da MTV etc).

\* Antropóloga, consultora do Ibase.

1 Refiro-me à pesquisa *Juventude e Integração Sul-Americana: caracterização de situações tipo e organizações juvenis*. Coordenada pela parceria Ibase/Pólis/IDRC, trata-se de uma “pesquisa em rede”, que se realiza por meio de atividades conjuntas de organizações sul-americanas locais que, além da qualificação para pesquisa social, compartilham concepções e compromissos com a construção da democracia nos países do Mercosul.

2 O parâmetro mais usado é a faixa de 15 a 24 anos, definição da Organização Internacional da Juventude, mas, no conjunto, há países que antecipam ou prolongam essa faixa etária. Ver artigo de Yuri Chillan (2004).

3 Informes sobre outros países latino-americanos, como a Guatemala, ao lado do problema de analfabetismo (44,6%), destacam a peculiaridade geográfica da capital (que concentra maioria da população e altos índices de violência e desigualdade).

4 Não por acaso, a juventude sul-americana empregada mostra um perfil altamente masculinizado.

Em resumo, para a maioria socialmente excluída, as vulnerabilidades são crescentes. Mas essa geração também traz consigo potencialidades e possibilidades de participação historicamente inéditas. Na mesma busca de identificar marcas geracionais comuns, podemos dizer que as conquistas tecnológicas modificam a comunicação, a socialização, a “visão do tamanho do mundo” entre gerações. A propagação veloz de certos símbolos e valores pelos mais diversos países permite que jovens – de diferentes condições sociais e de diferentes locais do mundo –, de alguma forma, partilhem um mesmo universo de referência.

Certamente, nada disso anula apropriações diversas e a multiplicidade de vivências baseada nas diferenças de renda, gênero, raça, etnia e local de moradia. Porém, mesmo em um cenário de profundas desigualdades sociais, não é impossível que grupos de jovens socialmente distantes tenham acesso às mesmas informações sobre determinados assuntos e estabeleçam inéditos diálogos sobre a participação juvenil e a construção da democracia.

### Participação: o que há de novo?

Em nossas sociedades – seja para autocompreensão ou autoproteção –, sobretudo entre os que são pais e/ou profissionalmente responsáveis por jovens, existe grande necessidade de responder a pergunta: “O que se pode esperar dos jovens de hoje?”

As respostas, no geral, buscam caracterizar a juventude por meio de grandes traços que permitam certos veredictos conclusivos. Vejamos os mais frequentes. A juventude de hoje é consumista (e não, questionadora da sociedade de consumo); individualista (e não, solidária); conservadora (e não, progressista); alienada (e não, engajada); apática (e não, participativa). Um dos expedientes utilizados para sustentar tais generalizações é a comparação entre gerações.

Embora dificilmente existam dados e informações disponíveis sociologicamente comparáveis, as comparações intergeracionais, no caso das sociedades da América do Sul, lembra Helena Abramo (1998), destacam certa desilusão de jovens com o restabelecimento das democracias que não lograram cumprir a contento as promessas de superação dos problemas sociais, do clientelismo e da corrupção, assim como não lograram consolidar formas efetivas de participação popular. Nesse sentido, pode-se dizer que os(as) jovens de hoje vivem, de maneira mais aguda, a propagada “crise de representação” e a decomposição da crença no sistema político em vigência.

Porém, ao mesmo tempo, na busca por compreender a especificidade da atual condição juvenil, também é preciso indagar sobre o que pode haver de novo entre eles. Ou seja, reconhecendo que o

tema *juventude e participação social* é propício para generalizações infundadas e evoca frágeis parâmetros de comparação entre gerações, três aspectos devem ser destacados: não há como dizer se, em termos numéricos, há mais ou menos jovens participando em algum tipo de ação coletiva do que em gerações passadas; as percepções negativas da política e a baixa participação nos espaços institucionais da vida política atingem a sociedade e os(as) jovens são um espelho retrovisor da sociedade; é preciso atentar para novas apropriações e linguagens que renovam a política e (re)inventam possibilidades do(a) jovem de hoje estar e agir no espaço público.

### Novos espaços da política

Algumas pesquisas mostram<sup>5</sup> que, para certos segmentos juvenis, a desqualificação da política e da classe política vêm acompanhadas de uma reapropriação da ideia de “cidadania” para a qual são transferidas certos atributos próprios do campo político tais como: ação, conscientização, direitos, valorização dos espaços coletivos, busca de resolução dos problemas etc. Em variados grupos de jovens voltados para a busca de inclusão social, podemos observar peculiar interseção entre o discurso da “cidadania” e as expressões do sentimento de solidariedade. Essa combinação tem se traduzido em disposições éticas e ações concretas em diferentes espaços (não necessariamente classificados como políticos) dos quais participam.

Sandro Ventura (1996) nos chama a atenção para o fato de que hoje, na América do Sul, mais do que “movimentos sociais” juvenis, assistimos ao aparecimento de “movidas” juvenis. De fato, nos setores populares urbanos – e também no âmbito de alguns movimentos que congregam jovens rurais – proliferam grupos ecológicos, musicais, esportivos, religiosos, cujas ações imediatas visam transformar as chamadas “comunidades locais”.

Esses grupos, cada vez mais, articulam-se em espaços geograficamente mais amplos para:

- realizar intercâmbios artísticos, culturais e de experiências de ação social;
- participar de articulações e mobilizações ligadas às suas áreas de atuação;
- participar de campanhas e mobilizações ligadas a interesses mais amplos da cidadania.

Assim, antes de descartá-los como “meramente” artísticos, místicos ou assistencialistas é necessário conhecer melhor suas formas de atuação no espaço público e atentar para seus efeitos políticos.

## EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DA JUVENTUDE

Sem a pretensão de construir uma tipologia abrangente e definitiva, vejamos alguns tipos, a seguir.

- Participação de jovens em projetos sociais, que enfatizam o protagonismo juvenil, realizado por instituições governamentais e não-governamentais que têm como objetivo promover alternativas à cultura da violência, “aumento de auto-estima”, trabalho voluntário, envolvimento de jovens em programas de serviço comunitário, concursos, prêmios, fundos para bancar iniciativas e pequenos projetos etc.
- Grupos que atuam para transformar o espaço local em bairros, favelas e periferias. Reúnem jovens dos próprios bairros e contam com apoio de pastorais católicas e evangélicas, ONGs e outras organizações juvenis.
- Grupos que agregam jovens em torno de identidades específicas (indígenas, mulheres, negros, orientação sexual, pessoas portadoras de deficiência, ambientalistas, religiosos etc) e atuam em lutas pela inclusão social.
- Grupos que atuam nos espaços de cultura e lazer: grafiteiros, grupos musicais, de dança e de teatro de diferentes estilos, associações esportivas, de produção de informação e criação cultural (como histórias em quadrinhos, fanzines, festivais etc.), valorizando e construindo o espaço público.
- Grupos que se reúnem em mobilizações em torno de uma causa ou campanha (grupos contra a globalização, contra a guerra do Iraque, ações contra a violência e pela paz no Brasil, comitês de ação da cidadania contra a fome etc.).
- Redes, fóruns, festivais, acampamentos de juventude que buscam reunir os grupos acima e, também, incluir setores do movimento estudantil e das juventudes partidárias, assim como pastorais e grupos religiosos com atuação no espaço público. ■

5 Ver Novaes, 1998 e Ibase/Polis, 2005

Essas experiências sociais não são necessariamente centralizadas – nem institucional nem politicamente – e difundem novos conteúdos político-culturais. A maior parte das ações se realiza em torno de projetos concretos ou ações de curto prazo e de resultados palpáveis e tangíveis. Ou seja, falar da “participação juvenil” significa ultrapassar os lugares tradicionais da política. Mas o que dizer das organizações de representação de categorias (estudantes, jovens trabalhadores) e das juventudes partidárias ou religiosas de “esquerda”, muitas estruturadas em âmbito nacional e até mesmo internacional? Decretar a inexistência ou apontar a decadência do movimento estudantil, das juventudes partidárias e dos departamentos juvenis nas organizações sindicais não ajuda a compreender essa complexa questão.

### Temas indutores

Como lembra Helena Abramo (1998), é muito mais diversificada, hoje, a face social dos(as) jovens que se mobilizam: se até a década de 1970, os atores juvenis estavam restritos aos(as) jovens estudantes de classe média, hoje, várias dessas formas de movimentação que vemos surgir se fazem entre jovens dos mais distintos setores sociais, especialmente entre os chamados setores populares urbanos.

No presente momento histórico a tensão *local-global* se manifesta no mundo de maneira contundente: nunca houve tanta integração globalizada e, ao mesmo tempo, nunca foram tão profundos os sentimentos de desconexão e tão agudos os processos de exclusão. Por um lado, como já foi dito, exacerba-se o individualismo, o consumismo, a indiferença perante o sofrimento alheio, o medo imobilizador. Por outro lado, geram-se novas demandas e motivações para a participação juvenil. Assim como existem elementos na sociabilidade contemporânea que impõem limitações à participação dos(as) jovens, é possível identificar, também, outra série de elementos que a impulsionam.

### Matriz para várias ações

Pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana: primeira notícia

*O ideário ecológico, em suas múltiplas apropriações, motiva e justifica a participação juvenil. Ecologia e meio-ambiente são palavras quase obrigatórias em variados espaços de participação social. E, ao mesmo tempo, esse é um vetor que dá suporte a organizações muito diferenciadas social e geograficamente. Por exemplo: está presente em lutas no meio rural, como na comunidade/agroecologia, Conselho Juvenil Regional da Associação de Agricultores do Alto Paraná/ Paraguai (Asagrapa); em lutas específicas pelo direito de plantar maconha (Grupo Plantá Tu Planta, Uruguai); ou como chave de leitura para questões ambientais que incidem sobre fronteiras nacionais (jovens organizados contra a instalação das fábricas de celulose no Uruguai através da Assembleia Juvenil Ambiental de Gualaguaychú/Argentina).*

Como explicar esta recorrência? Podemos dizer que, a partir da década de 1990, projetos sociais dirigidos à juventude do campo e da cidade<sup>6</sup> acionam o “ideário ecológico” para motivar a participação e as dinâmicas de integração social de diferentes segmentos juvenis. Hoje, há grupos de jovens ambientalistas e, também, quase não há organização juvenil (grêmios estudantis, juventudes partidárias, pastorais da juventude católica e evangélica) que não se veja na obrigação de incluir um item ecológico em projetos, programas e agendas.

De certa forma, podemos dizer que esta é uma geração pós-advento da ecologia. O “pós”, aqui empregado, não tem sentido de algo passado ou ultrapassado. Significa apenas “depois” da disseminação de idéias ecológicas. Gerações anteriores, em tempos de guerra fria, participavam da vida política em um mundo que se apresentava dividido em dois grandes blocos, em duas ideologias polares. Essa geração, nascida a partir do fim da década de 1970, cresce quando já se reconhece que há um grande problema ambiental que atinge a todo mundo e que precisa ser enfrentado.

Relatos de ambientalistas históricos enfatizam as dificuldades que experimentaram para trazer as questões ambientais para o centro da agenda política dos governos, sindicatos, partidos e movimentos sociais. Para grupos à “esquerda”, o ambientalismo era uma questão menor diante dos “problemas estruturais da sociedade”. Para grupos que apenas se preocupavam com o crescimento econômico capitalista, o ambientalismo era visto como ingenuidade ameaçadora que poderia espantar investidores e fontes de lucro. Ou seja, militantes ecológicos – muitos vindos da famosa geração 1968 – tiveram que arrombar várias portas bem fechadas para tornar legítima a preocupação com a destruição do meio-ambiente. Os(as) jovens de hoje já encontraram um ideário ecológico, com muitas e diferentes versões espalhadas pelo mundo.

Trabalho de sensibilização foi feito em organizações não-governamentais, empresariais, organismos de direitos humanos para que a questão ambiental fosse, ao menos, incorporada à agenda pública. A Rio 92 – fórum oficial e fórum paralelo – fez repercutir um novo vocabulário nos meios de comunicação, que se tornou socialmente disponível para exprimir as mazelas ambientais produzidas pelos atuais padrões de desenvolvimento.

Que mazelas são essas? Segundo os editores do *GEO Juvenil para América Latina e Caribe*, três são os principais problemas ambientais da região:

6 Para ilustrar, ver a publicação do Pnuma (2004) intitulada *GEO-Juvenil para América Latina e Caribe* – abre tus ojos para al medio ambiente, na qual são descritas experiências exitosas e uma lista de organizações que promovem ações juvenis na região. Ver, também, o catálogo de projetos apoiados pela Fundação Kellogg, publicado em 2005, no qual estão indicados vários projetos que articulam protagonismo juvenil e questões ambientais.

*Em primeiro lugar, 75% da população vive em áreas urbanas, onde são comuns doenças transmitidas pelo ar e a falta de água é comum. O segundo problema é a destruição e a redução dos recursos florestais, especialmente nas margens do Rio Amazonas, tendo como consequência o aumento da ameaça à biodiversidade. Em terceiro lugar, está o possível impacto regional do processo global de mudança climática, devido a fenômenos como incêndios florestais, desastres originados por causa de furacões e inundações e a tendência de aumento do nível do mar, que coloca em perigo muitas metrópoles localizadas próximo aos oceanos – assim como muitas cidades situadas em ilhas. (Pnuma, 2004)*

Os processos são antigos, mas é nova a maneira de abordá-los. O ideário ecológico passou a ressignificar problemas, produzir sentimentos e motivar ações. Poluição, camada de ozônio, destruição/busca de preservação ambiental. Assim foram surgindo categorias de pensamento para expressar demandas e para ofertar bandeiras de cunho ecológico para a sociedade. Hoje, idéias ecológicas circulam e são apropriadas de diferentes formas.

Embora as pessoas adultas também usem conceitos do ideário ecológico, são os jovens que os incorporaram com mais naturalidade. Aprendem sobre seus significados na escola, principalmente nas aulas de geografia e ciências, em diferentes programas de televisão que disseminam palavras-chave e valores ecológicos e nos projetos sociais (governamentais e não-governamentais), nos quais se tornou quase obrigatório o conteúdo “educação ambiental”.

Como afirma Isabel Cristina Carvalho (2004), a ecologia se apresenta como um campo de idéias disponíveis para a formação da identidade do(a) jovem que ingressa na esfera pública e que pode compartilhar, de alguma forma, um projeto político de emancipação. Hoje, existem novas áreas de profissionalização ambiental, valorizadas ou revalorizadas com o fortalecimento de uma consciência ecológica que acena com novos espaços de inserção para o(a) jovem quando se esgotam oportunidades nas carreiras tradicionais.

### Movimentações em torno da educação

Pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana: segunda notícia

*O que há de novo nos movimentos estudantis? Os movimentos de estudantes secundaristas pesquisados revelam uma tendência comum: articulam demandas clássicas do setor estudantil (condições de ensino e posicionamento sobre questões nacionais) com novas demandas que expressam vulnerabilidades e potencialidades da condição juvenil contemporânea (como canais de acesso às universidades, formação docente e transporte urbano). A Federação de Estudantes Secundaristas (Fenaes / Paraguai); o movimento dos “Pingüins” (estudantes secundaristas /*

## REPERCUSSÕES E VALORES AGREGADOS

Quais repercussões têm a chave de leitura ecológica para as formas atuais da participação de jovens no campo? Na década de 1960, nos meios intelectuais e políticos, o campo sempre era visto como o lugar do atraso, que deveria ser transformado para que não fosse obstáculo para o desenvolvimento industrial capitalista ou, mesmo, para a construção de uma sociedade socialista. Hoje, considerando os processos de globalização, de reestruturação produtiva e de desemprego industrial, o ideário ecológico espalhado em escala mundial potencializa a crítica ao modelo de desenvolvimento vigente nas áreas rurais e se torna um aliado na defesa de modelos alternativos de posse e uso da terra de acordo com situações específicas das diferentes áreas (tais como reservas extrativistas nas florestas, apoio à pequena produção agrícola agroecológica, orgânica etc.). Nas áreas rurais também se fala em “criar postos de trabalho” e atividades rurais não-agrícolas.

Sem dúvida, há uma saída massiva de jovens do campo. Porém, ao mesmo tempo, registra-se predisposição de uma parcela da juventude rural para responder a apelos de mobilizações e práticas “ecologicamente corretas”. É como se as representações e práticas ecológicas agregassem valor positivo ao “ficar no campo” – antes só visto pela ótica do atraso. Via ecologia, os(as) jovens rurais se conectam com as questões de seu tempo, fazendo dialogar velhos problemas com novas motivações. Legitimados por ações locais específicas, articulam-se regionalmente, passam a fazer parte de redes maiores, de redes de ONGs, de articulações nacionais, internacionais. É comum, em encontros internacionais, ouvir jovens latino-americanos se comunicando – em português, espanhol ou em “portunhol” – por um “dialeto” ecologicamente comprometido.

Os(as) jovens moradores das cidades, por sua vez, também têm experimentado a possibilidade de transformar velhas precariedades da infra-estrutura urbana em demandas “ambientais” e em ações concretas. Tendo a ecologia como vetor de aglutinação, grupos de jovens moradores das cidades abordam a questão do lixo urbano propondo mutirões, reeducação de moradores(as) para manter a limpeza, coleta seletiva, reciclagem e valorização dos garis comunitários como “educadores ambientais”. No Rio de Janeiro, o desmatamento, o deslizamento de terra em encostas e o entupimento de galerias pluviais são questões cotidianas, cuja gênese está na especulação imobiliária e nas desigualdades de renda e acesso à moradia. Nesse cenário, é o ambientalismo, como chave de leitura geracional, que se apresenta como canal de comunicação e alavanca para despertar sonhos entre os(as) jovens.

Na linha do tempo, produziu-se o encontro de uma linguagem de preocupação com o futuro e interesses da (heterogênea) população jovem. Trata-se de uma linguagem mobilizadora que tem um apelo juvenil muito forte. É claro que não se trata de uma comunicação sem ruídos. Mas é inegável que as preocupações com o meio-ambiente e o ideário ecológico deram sangue novo à política, abrindo novas possibilidades de participação. ■

*Chile); as mobilizações juvenis por formação docente em El Alto (Bolívia) e pelo Passe Livre (secundaristas/Salvador – Brasil) fornecem exemplos nesse sentido.*

A concepção moderna de juventude – surgida de profundas transformações a partir do século XVIII e consolidada após a Segunda Guerra Mundial – tornou a escolaridade etapa intrínseca da passagem para a maturidade. “Estar na escola” passou a definir a condição juvenil. Idealmente, o retardamento da entrada de jovens no mundo do trabalho garantiria melhor passagem para a vida adulta. Na prática, essa passagem não se deu em ritmo e modalidades homogêneos nos diferentes países e no interior das juventudes de um mesmo país. Amplos contingentes juvenis de famílias pobres deixaram, e deixam, a escola para se incorporar prematura e precariamente no mercado de trabalho informal e/ou experimentar desocupação prolongada. Isso não é novidade.

Ao sistema educacional está posto, portanto, o desafio de oferecer respostas diferenciadas para possibilitar distintos modos de acesso e continuidade na formação escolar. Uma educação de qualidade para todas as pessoas não pode ser compreendida apenas como forma de adestramento da força de trabalho, pois é importante para a inserção social e econômica dos(as) jovens. Isso pressupõe não só equipamentos e recursos humanos, mas também novo casamento entre educação e qualificação profissional. O que está em jogo é uma nova perspectiva de cooperação interdisciplinar, voltada para o desenvolvimento de saberes, conhecimentos, competências e valores de solidariedade e cooperação condizentes com o século XXI.

Nesse cenário, surgem mudanças tanto no movimento estudantil e nos diferentes movimentos juvenis quanto nas organizações que trabalham com jovens, que passam a incorporar novas demandas.

## Movimentações em torno do trabalho

Pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana: terceira notícia

*Mudanças tecnológicas modificam o mercado de trabalho e criam nichos onde predominam trabalhadores(as) jovens. Essa realidade desafia as organizações sindicais e suscita novos encaminhamentos para as lutas no mundo trabalhista. Sindicatos de categorias tradicionais ou mais recentes enfrentam demandas específicas provenientes da presença dos(as) jovens. Por exemplo: jovens ligados ao Sindicato de Telemarketing, em São Paulo, Brasil; jovens empregadas domésticas vinculadas à Federação Nacional de Trabalhadoras do Lar, na região de La Paz, Bolívia; jovens migrantes nordestinos brasileiros que trabalham nas modernas usinas de cana-de-açúcar do interior paulista e comparecem ao sindicato apenas para a intermediação dos contratos de trabalho temporário. Interessante notar que essa juventude trabalhadora sofre – de maneira direta e indireta – os efeitos específicos das recentes mudanças tecnológicas que incidem no mundo do trabalho sobre a juventude. Saber lidar com computador, ser mulher solteira, ter força física para cortar toneladas de cana são características presentes na juventude. Com a crescente segmentação da mão-de-obra, os sindicatos têm como desafio lidar com os efeitos da diferenciação interna por gênero, raça, etnia e região de origem. E, no limite, esses mesmos sindicatos são constantemente afetados pelo fenômeno do desemprego e a precariedade dos vínculos em um mercado de trabalho restritivo e em constante transformação. Em nosso estudo, esse cenário se expressa na experiência dos Jovens Piqueteiros, desempregados ou subempregados, da região metropolitana de Buenos Aires, Argentina. Esses e outros aspectos interferem nas relações intergeracionais entre direções sindicais e seus jovens filiados (atuais ou em potencial).*

Nos dias de hoje, há desafios específicos ligados ao desemprego juvenil e aos novos padrões de trabalho assalariado. De maneira geral, percebe-se, em jovens de distintas classes sociais, certa pressa para trabalhar mais cedo. Certamente, para a maioria, a pressa está ligada às necessidades básicas de sobrevivência pessoal e familiar. Por outro lado, na sociedade de consumo, a urgência também pode estar relacionada com a busca de emancipação financeira, mesmo que parcial, que possibilite acesso a variados tipos de consumo e de lazer. No entanto, para os(as) jovens de todas as classes e situações sociais, a pressa parece estar relacionada com a consciência de que, submetidos às transformações recentes no mercado de trabalho, o diploma não é mais garantia de inserção produtiva condizente com os diferentes graus de escolaridade atingida.

Os(as) jovens sabem que os certificados escolares são imprescindíveis. Mas sabem, também, que as rápidas transformações econômicas

e tecnológicas se refletem no mercado de trabalho precarizando relações, provocando mutações, modificando especializações e sepultando carreiras profissionais. Diante da globalização dos mercados, redesenha-se o mundo do trabalho e se constrói uma *nova cultura laboral*. E, assim, jovens se organizam para ter acesso às políticas governamentais e aos projetos não-governamentais que lhes garantam iniciação à vida produtiva por meio do auto-emprego, da abertura de micro e pequenos negócios, do trabalho cooperativo e associativo, da atuação remunerada em organizações do Terceiro Setor.

A questão dos postos de trabalho atravessa toda a agenda da juventude de hoje e se expressa também na (re)valorização da ocupação rural (agrícola ou não-agrícola, desenvolvida com base em pequenas propriedades) e das novas profissões que surgem nas áreas do turismo, esporte, arte e cultura. Em alguns espaços sociais, o conceito de economia solidária busca dar conta e sentido a uma parte dessas alternativas.

## Outras formas de fazer política

### Arte e cultura: novas oportunidades

#### Pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana: quarta notícia

*“Periferia é periferia em qualquer lugar”, sintetizam os jovens do movimento hip hop para demarcar o caráter local e global de sua ação. De fato, a cada dia evidencia-se a potencialidade da cultura hip hop na oferta de um eficaz articulador de identidade política/comunitária para segmentos juvenis em situação de vulnerabilidade em diferentes países, englobando questões raciais e étnicas. A pesquisa evidencia duas situações bastante paradigmáticas, por expressar características de nossos povos : a) Associação Hip Hop Família do Morro do Bom Jesus, Caruaru/Pernambuco/Brasil, produz ações em torno da música, do grafite, da dança e da intervenção comunitária e demanda inclusão social e equidade racial, com ênfase na negritude; b) Movimento Hip Hop Aymara, na cidade de El Alto/ Bolívia, onde grupos culturais de jovens aymara (indígenas) compõem, tocam e dançam música hip hop. As atividades incluem desde demandas por espaços de lazer até a vocalização de problemas sociais como o racismo e a luta pela afirmação da identidade dos povos indígenas.*

Discriminação étnica, de gênero, de orientação sexual e de jovens portadores(as) de necessidades especiais são apontadas como obstáculos para a inserção produtiva, para a convivência social e como parte das causas de violência física e simbólica. A atuação de entidades da sociedade civil que lutam contra a discriminação possibilitou conquistas importantes para cada um dos segmentos enumerados acima. Há jovens que se sentem motivados a participar de grupos que propõem ações afirmativas para se contrapor a tais discriminações.

## O MOVIMENTO HIP HOP

O hip hop é o caso mais bem sucedido, nos dias de hoje, em termos de criar canais de comunicação entre juventudes de diferentes países e regiões. Cultivado em solo americano, hoje espalhado pelo “mundo globalizado”, vai ganhando expressões próprias, incluindo as marcas culturais das periferias de cada país, de cada cidade, de cada lugar. Sem a munição do local não há poesia para esse ritmo seco, marcado e, de certa forma, previsível. Além do *rap* e do *break*, há também o grafite compondo a trilogia sagrada<sup>1</sup> de um fenômeno social que é chamado pelos próprios participantes de cultura ou movimento hip hop.

O hip hop não é um movimento orgânico que produz grupos homogêneos. Existem várias correntes, linhas e ênfases que os diferenciam entre países, cidades, bairros e estilos. Há grupos que apenas objetivam viabilizar suas carreiras como artistas; há grupos violentos, até mesmo apoiados/financiados por traficantes, mas há também os grupos que se propõem a substituir a violência das brigas pelo convívio na música, na dança e no grafite. Nas periferias das grandes cidades, o hip hop tornou-se um recurso cultural para a agregação de jovens. Na América do Sul, há grupos que se tornaram conhecidos por se declararem contra o tráfico de drogas e por pregarem a paz. Essa postura favorece conexões entre os grupos do movimento hip hop com instâncias governamentais, organizações não-governamentais e, até mesmo, com igrejas.

Integrantes do movimento hip hop fundam ONGs, constroem portais na internet, organizam encontros, conferências e festivais nacionais e internacionais. Chegam ao espaço público como alternativa de organização juvenil e se envolvem em movimentos pela paz, em projetos sociais com e para jovens, assim como em campanhas com temas específicos tais como: *hip hop contra o tabaco; hip hop pela vida sem DST/Aids*. ■

1 Segundo Hermano Vianna (1998), o hip hop surgiu no “final dos anos 60, quando um *disk jockey* chamado Kool Herc trouxe da Jamaica para o Bronx a técnica dos famosos ‘sound – systems’ de Kingston, organizando festas nas praças. Herc não se limitava a tocar nos discos, mas usava o aparelho de mixagem para criar novas músicas. Alguns jovens admiradores de Kool Herc aprofundaram a técnica do mestre. O mais talentoso deles foi Grandmaster Flash, que criou o “scratch”, ou seja, a utilização da agulha do toca discos, arranhando o vinil no sentido anti-horário. Além disso, Flash entregava um microfone para que os dançarinos pudessem improvisar discursos acompanhando o ritmo da música, uma espécie de ‘repente eletrônico’ que ficou conhecido como RAP. Os ‘repentistas’ são chamados de rappers ou MC’S, isto é, masters of ceremony. O rap e o scratch não são elementos isolados. Quando eles aparecem nas festas de rua do Bronx, também estão surgindo a dança break, o grafite nos muros e trens do metrô nova-iorquino. Todas essas manifestações culturais passaram a ser chamadas por um único nome: Hip Hop. O rap é a música Hip Hop, o break é a dança Hip Hop e assim por diante”.

A premissa da ação afirmativa é o reconhecimento de que pessoas sujeitas à desigualdade devem receber tratamento diferenciado, em geral, traduzido em “cotas”, que garanta o acesso à educação e aos postos de trabalho e, ainda, ao lazer. Na realidade, não há consenso entre as organizações juvenis sobre as ações afirmativas e sobre as cotas para cada um desses grupos socialmente discriminados. Mesmo assim, é importante salientar que essa é uma importante porta de entrada para a participação juvenil. Por indignação diante da injustiça que causa sofrimento alheio ou por interesse de minimizar o próprio sofrimento, jovens começam a participar levados por sentimentos gerados na esfera da vida privada. Como desdobramento, tais sentimentos privados se transformam em lutas por direitos – geralmente dentro da chave de leitura dos “direitos humanos” – e, assim, geram ações que contribuem para a construção do espaço público.

Os grupos de arte e cultura funcionam como articuladores de identidades e referências na elaboração de projetos individuais e coletivos. A literatura tem mostrado um conjunto variado de grupos urbanos associados a grupos esportivos,

rádios comunitárias, grupos de teatro, de dança e a estilos musicais (*rock, punk, heavy metal, reggae, funk* e outros) que desempenham uma importância crescente para os(as) jovens. Tais grupos promovem o estabelecimento de novas formas de pertencimento social que lhes permitem expressar descontentamentos, fazer denúncias e elaborar novos caminhos de participação.

Trata-se de algo diferente da chamada arte engajada. Nesse caso, um grupo de artistas se coloca à disposição do movimento estudantil, das lutas sindicais e políticas. Os grupos atuais levam diretamente suas expressões artísticas ao espaço público provocando repercussões políticas. Por meio de ritmos, gestos, rituais e palavras instituem sentidos e negociam significados buscando visibilidade pública e disputando adesões de jovens. Inventam e reinventam estilos que se tornam formas de expressão e comunicação entre significativos contingentes juvenis.

*Eventos, rituais, experimentos de participação que criam espaços que se distinguem pela diversidade das formas, de palavras de ordem e linguagens. O caso do Acampamento Intercontinental da Juventude nas edições do Fórum Social Mundial (FSM) realizadas em Porto Alegre/ Brasil pode ser visto como espaço de experimentação e encontros entre várias juventudes e distintas formas de organização. O FSM tem se tornado espaço privilegiado de encontro entre movimentos, organizações e jovens sul-americanos.*

Segundo o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2005), o FSM é, inquestionavelmente, o primeiro grande movimento progressista internacional após a reação neoliberal no início da década de 1980. Com sete edições já realizadas, o Fórum Social Mundial se apresenta para os(as) jovens como possibilidade de combinar desejos e preocupações planetárias, uma vocação internacionalista e a valorização de pequenos espaços da vida cotidiana.

Ali – embora os partidos políticos estejam propositalmente alijados da organização do evento –, há lugar para jovens ligados(as) a partidos e para outros grupos que rejeitam a anulação individual perante o coletivo. Ali se encontram jovens ligados(as) a grandes organizações (como a Via Campesina e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) e pequenos grupos, com mecanismos de participação pouco ou nada institucionalizados, que permitem grande flexibilidade de tipos de atuação.

No Fórum Social Mundial há lugar para propostas de redes horizontalizadas, que se pensam como facilitadoras de relações e nas quais se busca evitar a hegemonização por grupos particulares. O Fórum tem sido uma oportunidade e um desafio para a vivência da diversidade juvenil, para a experimentação do slogan “Um outro mundo é possível”.

O Acampamento Internacional da Juventude – com avisos em português, inglês e espanhol – constitui-se num território à parte e permite que todos(as) se sintam integrantes da juventude do mundo. Nascido em Porto Alegre, no Parque Harmonia, o Acampamento Internacional da Juventude já se realizou na Índia, na Venezuela e no Quênia. A categoria “acampado” faz parte de todas as estatísticas de participação do Fórum. Vejamos na **Tabela 1** alguns números disponíveis.

Em 2003, a faixa de 14 a 24 anos correspondeu a 37,7% de credenciados(as). Essa informação torna-se mais reveladora se atentarmos para o fato de que quase 70% dos(as) acampados(as) estão nessa faixa etária. Desses, 39,7% eram latino-americanos, com destaque para argentinos, uruguaios, chilenos e paraguaios.

**TABELA 1 – Participação no Fórum Social Mundial 2001–2006**

Ano	Presença Geral	Acampados
2001	20.000	2.500
2002	50.000	12.500
2003	100.000	23.000
2004	115.000	2.723
2005	155.000	35.000
2006	127.000*	–

\*Paquistão: 30.000; Venezuela: 72.000; Mali: 25.000  
Fonte: Pesquisa Perfil de Participantes do Fórum Social Mundial 2006, Ibase.

Atentando para os dados disponíveis sobre as pessoas acampadas, podemos nos aproximar um pouco mais dos(as) jovens que freqüentam o FSM. Entre os(as) acampados(as), 51,2% declararam ser estudantes, 41,6% disseram que estavam trabalhando e os restantes não trabalhavam ou se declaram desempregados(as). Além disso, 22% afirmaram participar de partidos políticos e 45% disseram participar de movimentos, organizações ou redes. Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) revelou as áreas de atuação que mais interessavam aos acampados em 2003.

Em 2005, para participar do V Acampamento Intercontinental da Juventude, os(as) jovens podiam fazer inscrição pela internet ou diretamente ao chegar em Porto Alegre. Foi cobrada uma taxa de R\$12 por pessoa. A saúde dos(as) acampados(as) ficou por conta de cerca de 200 voluntários e voluntárias que trabalharam no Centro de Ação Espaço de Saúde e Cultura Ernesto Guevara. Uma novidade se destacou no Território Social do FSM de 2005: o uso da moeda solidária. O *txai* (no dialeto da tribo Kaxinawa, significa companheiro, amanhã, metade de mim, pedaço valioso de mim) foi utilizado de maneira criativa no mercado de trocas do acampamento.

### De onde falam os(as) jovens organizados(as)?

*Jovens nos partidos políticos e movimentos por direitos humanos*

Pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana: sexta notícia

*Estratégias, linguagem e demandas juvenis se fazem presentes nos partidos e nas organizações políticas. Apesar da propagada crise de política e da evidenciada descrença nos políticos constatada por pesquisas, há jovens que afirmam a filiação a um partido político ou a adesão a uma causa diretamente relacionada ao mundo da política. Pouco se sabe o que se passa com eles/elas no interior dessas organizações. Para explicitar o pertencimento a organizações, os(as) jovens mesclam clássicas questões “ideológicas” com imediatas questões que remetem aos direitos humanos e de cidadania. Tanto o estudo sobre juventudes partidárias de*

*diferentes matizes, no Uruguai, quanto o estudo sobre o movimento Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio (H.I.J.O.S.), na Argentina, nota-se um compartilhamento da linguagem política contemporânea por meio da qual se expressam as demandas, se diferenciam dos adultos e de outros grupos de jovens.*

Nas últimas duas décadas, expandiu-se a área de interseção entre as noções de direitos de cidadania e de direitos humanos. Seja porque houve ampliação da noção de direitos de cidadania ou porque – diante do surgimento da consciência ecológica, das ameaças da indústria bélica e da realidade do multiculturalismo presentes no mundo globalizado – ficaram mais evidentes os interesses humanos comuns e as violações que atingem os(as) habitantes de diferentes lugares do planeta. Partidários(as) da defesa dos Direitos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais (Desca), advogam a unicidade e a indivisibilidade dos direitos a partir da realidade de vida das populações com direitos violados ou sequer alcançados.

Assim, a categoria direitos humanos funciona como uma chave de leitura para compreender processos históricos e como um instrumento para combater preconceitos, discriminações decorrentes de desigualdades sociais de diferentes tipos. Seu reconhecimento internacional produz uma espécie de “esperanto”, que permite apropriações culturais diversas, modificando também a linguagem e as formas de agir das instituições políticas.

Nos países da América do Sul – em proporções diferentes – existiram ontem, e existem hoje, pequenas parcelas de jovens envolvidas com a militância em espaços definidos como eminentemente políticos. Haveria mais jovens em movimentos e partidos políticos no passado do que no presente? Ou vice-versa? Uma vez mais, faltam estatísticas e séries históricas que permitam a comparação quantitativa entre ontem e hoje. Porém, mesmo sem poder falar em quantidades, podemos atentar para o aspecto relacional.

Se é verdade que hoje se configura um novo campo de possibilidades (ou de posições e oposições, como diria Pierre Bourdieu) para a participação juvenil, há lugar para diferentes organizações no seu interior? No espaço público, se encontram tanto jovens que atuam a partir dos lugares clássicos da política como grupos culturais, religiosos,

esportivos, de voluntariado. Essa convivência – nem sempre pacífica –<sup>7</sup> exige que uns se posicionem com relação aos outros (incorporando aspectos, valorizando ou desqualificando). Nesse contexto, apesar de todas as dificuldades inerentes às instituições centralizadas e hierárquicas, os movimentos e partidos têm sido levados a reconhecer, valorizar ou mesmo criar departamentos juvenis.

De maneira geral, o que se observa é que as organizações juvenis “mais clássicas”, embora sofram, muitas vezes, de problemas de distanciamento das bases, de representatividade e inovação na linguagem e formas de atuação, também incorporam em sua agenda novos temas e formas de mobilização para ações concretas. Para se adaptar às mudanças históricas e estabelecer contato com a juventude que está distante de seus quadros, essas instituições passam por um *aggiornamento* (com maior ou menor sucesso).

### Dos(as) “jovens de projeto” às políticas públicas

#### Pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana: sétima notícia

*A expressão “Políticas Públicas de Juventude” pede passagem e começa a freqüentar o vocabulário da cidadania. Grupos juvenis e “jovens de projetos” se agrupam em fóruns (ou coordenadoras), assumem a identidade de “jovens” e, por meio dessa identidade, formulam demandas para o poder público (em nível municipal, estadual e federal). Trata-se de um tipo de articulação recente que deve ser relacionada com as especificidades da atual condição de vulnerabilidade juvenil. Por meio de iniciativas das ONGs, de iniciativas localizadas de gestores municipais, de fóruns e redes de jovens constitui-se um (tenso, conflitivo e rico) campo de demandas por direitos, espaços de participação e políticas públicas de juventude. Para refletir sobre esse processo, a pesquisa contempla: a) o Fórum de Juventudes do Rio de Janeiro, organizado por entidades não-governamentais, reunindo os agentes dessas entidades e jovens atendidos(as) por projetos desenvolvidos por elas; b) a Coordenadora de Grupos Juvenis de Concepción, no Chile, que articula grupos juvenis locais para demandar das autoridades que acompanhem, colaborem e apóiem recursos para viabilizar atividades dos(as) jovens em bairros e junto à população de baixa renda por meio de um Plano de Desenvolvimento Juvenil (Pladeju); c) Movimento Juvenil Andresito/Rede NEA Grupos de jovens beneficiários de projetos sociais na província de Misiones, na Tríplice Fronteira com Brasil e Paraguai, uma das regiões*

*mais pobres da Argentina. A demanda comunitária se organiza com relação às organizações sociais que surgiram durante o período mais intenso de crise no país.*

Desde a década de 1990, sobretudo a partir da ação das organizações não-governamentais e das agências bilaterais e de cooperação internacional, começaram a surgir iniciativas que buscavam o “protagonismo juvenil”. Duas idéias foram amplamente disseminadas: jovens não como problema, mas como parte da solução e jovens como fator de desenvolvimento.

Por exemplo, diante das tão propaladas estatísticas que posicionam as taxas latino-americanas de vitimização de adolescentes e jovens entre as mais altas do mundo, surge a clássica polêmica: como compreender a participação em gangues, “pandillas”, galeras, “barras bravas”, comandos etc.? Desagregação social e patologia? Fuga da realidade? Narcisismo? Focos de resistência perante a injustiça e exclusão social? Formas de elaboração, expressão e negociação de sentidos? As respostas para essas questões não são simples e, certamente, as causas e sentidos são múltiplos. Nos limites deste texto, não será possível aprofundar o assunto.

No entanto, vale registrar que esses(as) jovens que se reúnem em organizações consideradas “do mal” (nos bairros, nas prisões, em espaços onde cumprem medidas socioeducativas) tornaram-se público-alvo de projetos sociais posteriormente e, por vezes, tornam-se agentes e protagonistas de novas organizações juvenis voltadas para o combate à violência policial e de grupos de traficantes. Outros exemplos de “Jovens de Projetos” poderiam ser dados na área de geração de renda e de associativismo no campo e na cidade.

Paralelamente, começam a surgir experiências locais. Buscando renovar o perfil das administrações locais, surgem os “gestores de juventude”, em geral, encarregados de gerir espaços de agregação juvenil, de promover festivais, mas sem orçamentos próprios ou apropriados.

Em ambos os espaços – entre projetos sociais e entre gestores – destaca-se uma expressão: *políticas públicas de juventude*. Hoje, o tema *políticas públicas de juventude* remete ao conhecido processo de empobrecimento e ampliação das desigualdades sociais evocando projetos e ações que fazem parte de dívidas históricas de nossas sociedades. Ao mesmo tempo, remete a questões específicas inerentes à condição juvenil no século XXI. Certamente, a disposição para a participação está presente em apenas uma parcela da população juvenil da América do Sul. Mas, ainda assim, há mais riqueza, variedade e dinamismo das organizações juvenis hoje do que em décadas passadas. Se é verdade que há setores jovens que têm mais visibilidade e peso no conjunto da participação juvenil, as demandas por reconhecimento das mulheres jovens, dos(as) jovens rurais, das minorias indígenas, dos(as) jovens das favelas e periferias urbanas já chegaram ao espaço público.

### Para fechar

Procuramos mostrar como antigos e novos espaços de participação política e de formulação de demandas de políticas públicas compõem um novo e rico patrimônio sociopolítico e cultural, cujos nexos e fluxos necessitam ser mais conhecidos. Na pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana – em andamento – busca-se compreender as semelhanças e as diferenças desses processos, analisando situações particulares em seis países da América do Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai).

Ao estabelecer parâmetros de comparação, pontuando semelhanças e diferenças entre “situações-tipo” no interior de um mesmo país e entre países, será possível identificar tensões, desafios e potencialidades de cada um e do conjunto. Ao mesmo tempo, a partir de análise das situações, estaremos buscando subsídios para a discussão de possíveis estratégias (menos retóricas e mais concretas) para a integração dos países do Mercado Comum do Sul (Mercosul). A pesquisa se encontra em fase avançada. O trabalho de campo nos seis países já foi realizado e as equipes nacionais preparam os relatórios sobre cada situação-tipo e sobre o panorama nacional.

Por que dar notícias sobre uma pesquisa inacabada? Embora não tenhamos ainda resultados consolidados, já vale a pena compartilhar suas idéias gerais e os passos dados, que podem ser úteis tanto para localizar e dialogar com empreitadas semelhantes como para motivar a construção de outras redes de pesquisa e intervenção social que repercutam para além de nossas fronteiras nacionais. Afinal, os(as) jovens contemporâneos vivem um tempo histórico em que os riscos ecológicos, as transações econômicas que moldam a geopolítica e as mudanças tecnológicas globais escapam dos controles democráticos de qualquer país.

Contudo, chegar aos(as) jovens – conquistar seus corações e mentes – é ainda um desafio para os movimentos e para as instituições. Um dos caminhos possíveis está na possibilidade de explorar melhor os sentimentos, as necessidades, as linguagens que produzem marcas geracionais comuns no seio da diversificada juventude latino-americana. Para tanto, torna-se necessário valorizar novas combinações entre as noções de cidadania, direitos humanos, inclusão social e sentimentos de solidariedade. Tais combinações podem oferecer uma equação historicamente inédita entre *subjetividade* (que parte do pessoal, mas não fica restrita a questões de foro íntimo e se incorpora ao debate público) e *objetividade* (que exige ações no aqui e agora). Hoje, há no ar uma energia que vem da indignação ética, do novo olhar ecológico, da criatividade para a reinvenção do mundo do trabalho, do empenho moral presente nas organizações da sociedade civil e das ações solidárias que ocorrem em determinadas igrejas e tradições religiosas. Vislumbra-se um novo e possível caminho para a construção do espaço público. E nele, destaca-se a juventude. ■

7 Sem dúvida, nesse campo há concorrências entre grupos (não só ideológicas, mas também de finalidade e estilo). No entanto, quando consideramos as histórias de vida dos(as) jovens, vemos que as fronteiras não são tão rígidas, como a primeira vista pode parecer. As passagens de um tipo de grupo para outro ou mesmo participações simultâneas fazem parte de suas trajetórias.

# PESQUISA JUVENTUDE E INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA

## SÍNTESE DAS SITUAÇÕES-TIPO (POR PAÍS E POR ORDEM ALFABÉTICA)

### Argentina – Fundación SES

#### *Grupo Jóvenes de Pie – La Matanza*

Jovens piqueteiros, desempregados ou subempregados, da região metropolitana de Buenos Aires. Fazem parte do movimento Barrios de Pie e sua principal demanda ao Estado é por trabalho, embora também lutem por direitos fundamentais e combatam a redução da maioria penal.

#### *Movimiento Juvenil Andresito/Rede NEA*

Grupos de jovens beneficiários de projetos sociais na província de Misiones, na Tríplice Fronteira com Brasil e Paraguai, uma das regiões mais pobres da Argentina. A demanda comunitária se organiza com relação às organizações sociais que surgiram durante o período mais intenso de crise no país.

#### *Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio (H.I.J.O.S)*

Associação de filhos de desaparecidos políticos durante a ditadura de 1976/1983, buscam o respeito aos direitos humanos, a punição dos torturadores e assassinos, a preservação da memória histórica e a restituição da identidade das crianças roubadas de ativistas políticos no regime autoritário.

#### *Asamblea Juvenil Ambiental de Gualeguaychú.*

Jovens organizados contra a instalação das fábricas de celulose no Uruguai, junto ao rio que divide esse país e a Argentina. Demandam o direito ao desenvolvimento sustentável e à preservação do meio-ambiente.

### Bolívia – Programa de Investigación Estratégica en Bolivia

#### *Movimientos juvenis e demandas de formação docente en El Alto*

Jovens que exigiam a criação de uma Escola Normal na cidade de El Alto, na região metropolitana de La Paz. A instituição foi inaugurada, contudo a quantidade de vagas e o tipo de ensino oferecido não foram considerados adequados por parte de alguns dos grupos de jovens. As principais demandas dessa situação-tipo envolvem educação e emprego.

#### *Movimiento Hip Hop Aymara na cidade de El Alto*

Grupos culturais de jovens Aymara (indígenas) que compõem, tocam e dançam música hip hop. Suas atividades incluem desde demandas por espaços de lazer até a vocalização de problemas sociais, como o racismo e a luta pela afirmação da identidade dos povos indígenas.

#### *Caracterização do Movimento das Trabalhadoras do Lar Assalariadas e seu impacto nas políticas públicas*

Jovens empregadas domésticas vinculadas à Federação Nacional de Trabalhadoras do Lar, na região de La Paz. Reivindicam a aplicação da Lei 2450, de 2003, que regulamenta o trabalho desse setor social.

### Brasil – vários parceiros – Coordenação: Helena Abramo

#### *Jovens de projetos sociais (governamentais ou não). Pesquisadora: Anna Karina (UFF)*

Concentrados em dois grupos: Fórum de Juventudes do Rio de Janeiro, organizado por entidades não-governamentais, reúne os agentes dessas entidades e jovens atendidos por projetos desenvolvidos pelas entidades. Demanda: participação e organização; Fórum dos Pontos de Cultura, programa dos Ministérios da Cultura e do Trabalho e Emprego. Demanda: execução da política (originou-se a partir da reivindicação de pagamento de bolsas atrasadas) e participação em sua formulação.

#### *Jovens canavieiros do Maranhão/São Paulo. Pesquisadores: Beto Novaes e Flávio Conde (UFRJ)*

Jovens que migram do Nordeste para cortar cana em São Paulo e fazem seus contratos por meio do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Cosmópolis. Demanda: Melhoria de condições de trabalho para jovens do meio rural (diminuição do desgaste físico e do comprometimento da saúde; mudança no modo do cálculo da produção).

#### *Jovens trabalhadores urbanos em telemarketing. Pesquisadora: Maria Carla Corrochano (USP)*

Jovens que trabalham em telemarketing na cidade de São Paulo e estão ligados ao sindicato da categoria (Sintratel). A categoria é muito concentrada na juventude. Demanda: por trabalho digno.

#### *Acampamento Intercontinental do Fórum Social Mundial. Pesquisador: Nilton Fischer (UFRGS)*

Jovens de diferentes trajetórias sociais e políticas que participam de espaços, redes e movimentos que questionam as formas de desenvolvimento vigentes por meio do FSM em Porto Alegre. Demanda: por outra globalização.

(Continua na próxima página)

### *Movimento pelo Passe Livre em Salvador. Pesquisadora: Júlia Ribeiro*

Jovens que se mobilizaram em torno da Revolta do Buzu, movimento contra o aumento da passagem de ônibus em 2003 e que resultou, entre outras, em organizações demandando passe livre para jovens.

### *Hip hop do Morro do Bom Jesus (Caruaru, PE). Pesquisadores: Adjair Alves (UFPE), Rosilene Alvim (UFRJ)*

Jovens de dois bairros centrais da cidade, com características de favela, que se organizam na Associação Hip Hop Família do Morro do Bom Jesus, Caruaru, Pernambuco, e produzem ações em torno da música, grafite e dança, com intervenção comunitária. Demanda: por inclusão social e equidade racial.

## **Chile – Centro de Estudios Sociales (CIDPA)**

### *Movimento dos “Pingüins”*

Estudantes secundaristas demandando melhores condições de ensino e acesso à universidade. O movimento mobilizou centenas de milhares de pessoas, nas maiores manifestações políticas do período da redemocratização do Chile.

### *Jovens de grupo de juvenis de Concepción, que integram a Coordenação de Grupos Juvenis.*

Este grupo acompanha, colabora e recebe recursos para dar ajuda aos jovens e a população carente do bairro carente de Concepción.

## **Paraguai – Base IS**

### *Federação de Estudantes Secundaristas (FENAES)*

Estudantes secundaristas, em campanha pelo passe livre no transporte coletivo. O movimento é nacional e representa a mais intensa mobilização estudantil do Paraguai na última década.

### *Conselho Juvenil Regional da Associação de Agricultores do Alto Paraná (Asagrapa)*

Jovens camponeses da província de fronteira com o Brasil, região de expansão da soja e da cana-de-açúcar. Demandas relativas ao acesso à terra, educação e ao trabalho.

## **Uruguai – Cotidiano Mujer**

### *Juventudes Partidárias*

Jovens militantes dos partidos políticos mais importantes do país (Frente Ampla, Colorado, Nacional, Comunista etc). Demandas variadas, ligadas à sua posição nos processos decisórios de cada partido e às suas opiniões diante dos problemas uruguaios.

### *Coordenadora para a legalização da maconha*

Jovens pertencentes a três organizações que formam a coordenadora: La Placita, Plantá tu Planta e Pró-Legal. Cada uma apresenta sua perspectiva diante da legalização da maconha, ressaltando aspectos ligados à ecologia ou aos direitos humanos (liberdade de plantar/consumir o que quiser). ■

## **Referências**

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5 e 6, 1997. Edição especial: Juventude e Contemporaneidade.

\_\_\_\_\_. *Participação e organizações juvenis*. Recife: Fundação Kellog, 1998. Documento final do Seminário Organizações Juvenis. Iniciativa para o Desenvolvimento de Jovens na América do Sul e Caribe.

BALARDINI, Sergio (Compilador). La participación social y política de los jóvenes en el horizonte del Nuevo Siglo. Buenos Aires, 2000. (Colección Grupos de Trabajo de Clacso).

BALLESTEROS, Enrique. Los valores éticos de la juventud y la democracia. In: *La juventud y los valores éticos de la democracia*. Memoria de lo Encuentro Internacional. Caracas, 1997.

CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CARVALHO, Isabel Cristina. Ambientalismo, juventude e esfera pública. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e sociedade*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. *Raio X da Participação do FSM 2005*: elementos para o debate. Rio de Janeiro: Ibase, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS; PÓLIS. *Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Ibase, 2005. Relatório final de pesquisa.

NOVAES, Regina; VITAL; Christina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: THOMPSON, Andrés (Org.). *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo: Petrópolis, 2006.

POBLACIÓN JUVENIL DE HONDURAS. Iniciativa para o Desenvolvimento de Jovens na América Latina e Caribe. S.l.: Fundação Kellog, 1998.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE. GEO Juvenil para América Latina e el Caribe. *Abre tus ojos para al medio ambiente*. México, DF: Pnuma, 2004. Manual de Capacitación.

REYES, Yuri. Morfología institucional de las políticas públicas de juventud: una lectura desde el perfil regional y la expectativa iberoamericana. Organización Iberoamericana de Juventud Madrid, 2004 e republicado em Thompson, Andrés (org) *Associando-se à juventude para construir o futuro*, apoio Kellog Foundation, Editora Petrópolis, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O futuro do FSM: o trabalho da tradução. *Democracia Viva*, Rio de Janeiro, 25, 2005.

SERNA, Leslie. Globalización y participación juvenil. *Jóvenes*, Cidade do México, n. 5, ano 2, jul./dic. 1998.

VENTURO, Sandro. Movidas en vez de movimientos. *Flecha en el azul*, Lima, n. 1, ano 1, fev./mar., 1996.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.